

Cartaz Didáctico

João Carlos Gonçalves de Matos
ESE de Paula Frassinetti

joao.matos@esepf.pt

Resumo

Com a presente reflexão pretende-se reflectir sobre o cartaz, nomeadamente o cartaz didáctico em contexto de sala de aula, tendo em vista um melhor desempenho pedagógico, nas práticas correntes de estágio da formação inicial de professores do 1º Ciclo do Ensino Básico. O recurso ao cartaz didáctico na sala de aula, tal como muitos outros materiais de apoio, por nos parecer frequente e, por vezes, pouco consistente, merece um olhar mais atento e fundamentado. A escassa bibliografia de especialidade existente sobre o assunto traduz a pouca atenção que têm merecido materiais de apoio deste tipo. Integrado num conjunto de vários materiais didácticos, o cartaz é aqui abordado como ferramenta/produto e como percurso/processo. Enquanto ferramenta/produto interessa-nos perspectivar este material de apoio como algo que serve um determinado fim pedagógico, mas que se apresenta como algo acabado e pronto a usar por terceiros. Considerando o cartaz como uma forma de registo que ajuda a perceber melhor o percurso e o processo traçado até se alcançar determinada aprendizagem, interessa-nos um conjunto de considerações pedagógicas que julgamos importantes numa boa prática pedagógica e que configuram um conjunto de experiências significativas no domínio do ensino/aprendizagem.

Assim, desenvolveremos esta reflexão em torno de uma dupla questão: O que é um “cartaz didáctico”? Que considerações pedagógicas e comunicacionais formular a propósito da utilização e construção de um cartaz didáctico?

Palavras-chave: *cartaz didáctico; tipos de cartazes didácticos; implicações pedagógicas*

1 Definição de cartaz didáctico

Etimologicamente, segundo Pereira (1969), a palavra “cartaz” deriva do grego “chártes”, e terá chegado até nós pelo árabe “qirtas”, designando “folha de papel; papéis, livros, escritos; pedaço de couro que serve de alvo aos arqueiros”. “Chártes” deu origem à palavra “carta”, pelo latim “charta” e designava “folha de papiro ou de papel”. Por sua vez, “cartaz”, em grego antigo, também tinha a designação de “prógrama, atos” (s. n.), significando “prógrama, anúncio; inscrição”.

Para além da partilha do radical nominal de “cartaz” e de “carta”, considerando os valores semânticos que resultam deste breve levantamento etimológico, percebe-se já, no domínio do referente, a existência de vários tipos de cartazes que configuram a utilização/construção actual deste tipo de documento/material.

Para além do suporte “papel” e da vertente comunicativa que ressalta do termo “anúncio”, que é partilhado por muitos enunciados cujo objectivo é pôr em comum/partilhar um determinado quadro de experiência, o “cartaz”, mais especificamente o “cartaz didáctico”, tal como a carta de marear, também tem como finalidade “orientar para um determinado fim” e constitui-se, ele próprio, um “alvo” para onde se dirigem as atenções dos “arqueiros”. “Orientar” não significa aqui “conduzir”; o utilizador do cartaz didáctico, tal como o navegador com a “carta de marear”, deverá dominar já um conjunto de saberes e realizar um esforço de aplicação desses mesmos saberes, no sentido de compreender o enunciado que lhe é proposto, que é o mesmo que dizer “levar o barco a bom porto” ou “acertar no alvo”, em termos metafóricos.

Assim, um “cartaz didáctico”, pode ser definido, sob o ponto de vista pedagógico, como um recurso de apoio criado para instruir ou ensinar uma determinada matéria; sob o ponto de vista linguístico, (pela consistência das características que apresenta no contexto profissio-

nal específico em que se insere) com um tipo de texto que contempla uma ou várias sequências textuais (destacando-se a expositiva, a explicativa, a informativa, a descritiva e a síntese); é constituído por linguagem verbal e não verbal, cuja finalidade é, predominantemente, tornar mais acessível, sob o ponto de vista da compreensão, um determinado conteúdo didáctico; e tem como suporte o papel, a cartolina ou o cartão em grande formato (A3; A2; A1), afixado e usado, normalmente, em lugar público, particularmente, em contexto escolar (como, por exemplo, na sala de aula).

Sendo o cartaz uma forma de texto e de discurso, apesar de não procedermos aqui à exploração deste ponto, interessam-nos alguns aspectos relacionados com o acto comunicativo (contexto, em sentido amplo) e o acto linguístico (cotexto, em sentido restrito), de acordo com Vilela (1999).

Tendo presente factores sociais inerentes à comunicação e elementos linguísticos verbais, de acordo com o que constatamos a respeito da utilização dos cartazes didácticos nos espaços de sala de aula (sobretudo no 1º Ciclo de Ensino Básico), podemos identificar, entre outros, os seguintes critérios de classificação e respectivos tipos de cartazes:

- a) considerando o destinatário deste material de apoio, temos:
 - i. cartazes para várias idades (desde a tenra idade até à terceira idade);
 - ii. cartazes para diferentes anos de escolaridade (desde o pré-escolar até ao ensino superior);
 - iii. cartazes adaptados às potencialidades/limitações do destinatário (desde limitações locomotoras a visuais, afectivas, psicológicas ou cognitivas);
- b) considerando o conteúdo do cartaz didáctico, temos:
 - i. os que contêm assuntos relativos a áreas curriculares (por exemplo: cartaz de Língua Portuguesa; de Matemática; de Estudo do Meio; de História; Geografia; Expressão Plástica, Musical, Motora...);

- ii. os que contêm assuntos relativos à vida escolar em geral, que, embora sendo relevantes, não são curriculares (por exemplo, cartaz das tarefas diárias, cartaz do registo de ocorrências, cartaz de avaliação de comportamento; cartaz de registo dos aniversários, etc.

- c) considerando quem concebe e elabora o cartaz, temos:

- i. os que são concebidos por técnicos (professores, autores de manuais escolares, “designers” gráficos...) oferecidos ou comercializados pelas editoras de livros (escolares, regra geral);
- ii. os que são produzidos pelos professores dos utentes do cartaz naquele ano ou noutra ao longo da sua carreira;
- iii. os que são produzidos pelos alunos, com ou sem orientação do professor, tendo como destinatários a turma ou a escola;

- d) considerando o local onde se afixa o cartaz didáctico, temos:

- i. os cartazes que se afixam nos locais mais visíveis (normalmente, pela importância que assumem, escolhidos estrategicamente em função da previsível utilização dos espaços e da sua respectiva adequação – por exemplo, cartazes didácticos orientados por professores e que pretendem evidenciar o trabalho alcançado por alunos durante um determinado período de tempo);
- ii. os cartazes que se afixam nos locais menos visíveis, (normalmente, pela pouca importância atribuída ao espaço onde se afixam ou por insuficiente avaliação do grau de adequação ao espaço em se inserem – por exemplo, cartazes didácticos sobrepostos, com muita informação visual à volta, afixados muito em cima ou muito em baixo relativamente ao seu leitor, em “placards” com fundos desajustados, em “vitrines” espelhadas ou plastificadas, resultando reflexos de luz perturbadores de uma boa/fácil leitura);

- e) considerando o factor tempo (momento em que se afixa e duração da afixação do cartaz), temos:
- i. cartazes que se podem afixar a qualquer momento e que estão sempre actualizados ou pertinentes – normalmente, são cartazes que não contêm marcadores ou deícticos temporais que condicionem a sua utilização no momento em que são utilizados (por exemplo, um cartaz sobre o corpo humano);
 - ii. cartazes que se podem afixar apenas num determinado momento, porque só nesse momento são pertinentes, dado que têm como referente um determinado período de tempo; (por exemplo, um cartaz sobre um evento próximo ou uma estação do ano);
 - iii. cartazes que se afixam antes de se apresentar uma determinada matéria (como motivação para o saber, por exemplo);
 - iv. cartazes que se afixam durante a exploração de uma determinada matéria (como construção do saber, por exemplo);
 - v. cartazes que se afixam depois da exploração de uma determinada matéria (como síntese do saber, por exemplo);
 - vi. cartazes que podem permanecer afixados durante todo o ano lectivo com validade e/ou pertinência (como forma de recapitulação e consolidação de matérias escolares);
 - vii. cartazes que podem permanecer afixados durante a exploração de uma determinada matéria (como forma de reforço da informação apresentada);
 - viii. cartazes que podem ser afixados de forma intermitente (como forma de dar relevância à sua própria presença num determinado espaço físico).

Naturalmente, esta lista podia ser ainda mais extensa, porém é suficiente para ilustrar a natureza complexa deste tipo de material de apoio, pela utilização e pelos múltiplos olhares que pode comportar.

Para a definição do conceito, não é menos importante também perceber como é que um cartaz didáctico é constituído. Regra geral, o cartaz, enquanto texto/registo gráfico, tem como suporte o papel, a folha, a cartolina ou a tela; as características desse suporte (cor, tamanho e formato) variam de acordo com a intenção pedagógica e essa variação não é indiferente nos seus efeitos/resultados comunicacionais.

Para além do suporte, a propósito da constituição do cartaz, temos a considerar o conteúdo e a forma.

O conteúdo visual gráfico pode ser igualmente muito díspar; podemos considerar, entre outros elementos, os seguintes: letra, palavra, título, subtítulo, legenda, assunto, texto, corpo do texto, linha, verso, estrofe, fala, tópico, frase, didascália, parágrafo, coluna, tabela, autor/editora do cartaz; numeração do cartaz, indicação da área curricular ou, indicação da colecção, ilustração, imagem, fotografia, desenho, esquema...

A forma visual gráfica, por sua vez, pode ser constituída por: limite do cartaz; fundo; alinhamento do texto; composição/distribuição dos vários elementos gráficos; características da letra – tipo, tamanho, inclinação, alinhamento, ligação das letras, espaçamento, sentido de movimento, estrutura das letras, serifas, sublinhado, cor, etc¹.

No sentido de corroborar a complexidade do cartaz didáctico, contribuindo para a sua definição, interessa também perceber o papel dos intervenientes no processo de concepção e produção do mesmo.

Com a industrialização dos processos tipográficos, com as facilidades tecnológicas no processamento de texto e com as sofisticadas ferramentas das artes gráficas, hoje em dia, é muito frequente assistir-se a uma oferta significativa de materiais didácticos que, preenchendo muitos dos quesitos apontados anteriormente não são, contudo, concebidos e produzidos por quem os utiliza. Este aspecto é apenas um, entre muitos outros exemplos, que ilustra o carácter “prêt à porter” de muitas práticas pedagógicas, com consequências evidentes.

¹ Cf. Gonçalves, G (1973)

O facto de, muitas vezes, por exemplo, o professor não ter participado na concepção e produção do cartaz didáctico que utiliza nas suas aulas pode proporcionar incorrectas ou desajustadas utilizações.

Não subestimando o importante carácter prático da utilização de cartazes didácticos concebidos e produzidos por terceiros, parece-nos fundamental que, na prática pedagógica do ensino básico (e secundário), se considere como construção de saber a participação activa na elaboração deste tipo de recursos, proporcionando assim experiências significativas no capítulo do processo da sua própria aprendizagem.

Muitas vezes, alguns alunos só compreendem determinadas noções e apreendem o verdadeiro sentido de certas representações conceptuais, recorrendo à manipulação de materiais concretos, como por exemplo: as cartolinas, as fotografias, os rótulos e as imagens².

Com a devida consciência das opções tomadas na elaboração desses mesmos materiais, o professor tem a tarefa de construir o “edifício”, justificando a correcta utilização da “ferramenta” como meio para tornar mais claro determinado conteúdo didáctico.

Quanto ao destinatário, o cartaz didáctico, normalmente, é pensado para quem se encontra num determinado percurso de aprendizagem, por exemplo: o aluno ou o formando de um determinado nível.

No entanto, um cartaz também pode ser pensado por um aluno ou por um formando para outro colega, em vez de ser por um professor.

Ora esta diferença configura um quadro diferente de interlocutores e, necessariamente, algumas diferenças a nível do enunciado.

Independentemente das características do interlocutor que produz o cartaz, o destinatário desse mesmo cartaz (ainda que virtual), também apresenta determinados traços que orientam e condicionam um conjunto vasto de opções enunciativas.

Efectivamente, do lado do destinatário, há vários factores a considerar de forma integrada: idade, sexo, nível de escolaridade, formação cultural, motivações do indivíduo, etc.

Assim, considerando estes factores, podemos observar, entre outros, os seguintes aspectos relativos ao destinatário: a diferente capacidade de percepção e discriminação visual; o respectivo desenvolvimento cognitivo; a distinta sensibilidade estética; o diferente quadro de experiências vividas; e o grau de motivação e interesse pelo tema.

Considerando as causas ou motivações que precedem a elaboração deste tipo de material de apoio, cremos que o cartaz didáctico surge na sala de aula, porque se acredita na sua eficácia em termos pedagógicos.

Embora o cartaz didáctico possa dispor de um grande potencial a nível estético, não é (normalmente), contudo, apenas esta vertente que motiva a sua produção. Na verdade, não se faz um cartaz ou uma série deles, porque se sente a necessidade (apenas) de tornar uma apresentação esteticamente mais interessante.

Acreditamos que a principal razão prende-se com o lado pragmático do seu uso no contexto escolar, no sentido de tornar mais facilmente compreensível o enunciado que se apresenta.

Nesta perspectiva, podemos considerar dois tipos de motivações: uma predominantemente ligada ao conteúdo, outra predominantemente ligada à estratégia. A primeira resulta da necessidade de se encontrar um material eficaz que dê resposta a um conteúdo específico que se presta fortemente a ser representado através de um cartaz; por exemplo, explicar a noção de “radical”, segundo a nova terminologia linguística³. A segunda resulta da vontade de diversificar a estratégia de apresentação de um determinado conteúdo, recorrendo a um meio alternativo, potenciado assim os estímulos; por exemplo, para além da explicação oral (estímulo áudio), o professor pode proceder à elaboração de um cartaz, que constitui um estímulo visual adicional importante.

² | Sobre a utilização de diferentes tipos de imagens educativas, cf. Calado, I. (1994)

³ | Cf. A.A.V.V. (2002)

Das motivações apontadas derivam as finalidades inerentes à utilização de um cartaz. Por vezes, sendo pensado como forma de consolidar ou explicar de modo alternativo um determinado conteúdo, para os mesmos destinatários, resulta ora com efeito distinto ora em momentos diferentes.

Para além de algum carácter imponderável da finalidade do cartaz, (que é comum a qualquer material de apoio ou enunciado que se constitua como uma comunicação diferida, própria do meio escrito a que recorre), é possível afirmar que o cartaz, concretamente o cartaz didáctico, tem como finalidade um conjunto de objectivos próprios do contexto escolar em que se insere, como por exemplo: informar sobre um determinado assunto escolar; motivar para o estudo de uma determinada matéria, (tida habitualmente como importante ou circunstancialmente relevante); explicar um conteúdo denso; sistematizar um conjunto de regras ou de procedimentos a ter em conta; organizar uma linha de pensamento ou de análise; sintetizar um conjunto disperso de conteúdos mais extensos; etc.

O resultado que se espera obter com a realização de um cartaz didáctico pode, por vezes, ultrapassar a expectativa criada à volta dele, na medida em que a utilização do cartaz não se esgota no momento em que o professor e o aluno faz a sua exploração.

Um outro item importante a considerar no estudo do cartaz é o contexto temporal e espacial em que este é utilizado.

De acordo com o que temos observado nas práticas educativas actuais do 1º Ciclo do Ensino Básico, normalmente, um cartaz didáctico permanece na sala de aula por um período de tempo prolongado. De modo que a sua utilização não está apenas confinada ao momento da aula; ele alarga-se a todos os momentos da vivência dos seus intervenientes e, quase de forma imprevisível, ele “assalta” o olhar de quem o vê e, de uma forma quase natural, vai cumprindo a sua função pedagógica.

Se considerarmos, por exemplo, os vários ritmos de aprendizagem de cada aluno e a conjugação com este factor temporal, podendo o aluno a todo o momento aceder à informação ou ao teor do cartaz tirando o respectivo proveito, podemos valorizar o prolongamento do cartaz nestes espaços escolares em detrimento da efemeridade do oral.

O cartaz didáctico surge, assim, normalmente, fixado numa parede ou num “placard”, mas não é pouco relevante considerarmos o que já se encontra afixado na parede ou o que ainda estará para vir. A relevância do cartaz pode variar em função da profusão de elementos visuais que “pululam e poluem” as paredes das salas de aula. Independentemente da questão estética (que obviamente é muito importante), destaca-se aqui a questão pragmática da eficácia, isto é, do uso com resultados pertinentes no contexto espacial (pedagógico) que é efectivamente muito importante.

Tal como numa conversação oral que decorre num local com vários interlocutores a interagir em simultâneo, produzindo ruído com interferências no desempenho dos restantes interlocutores, assim também um cartaz se comporta no meio de uma “floresta de materiais pendurados”. Para que o cartaz assuma o destaque necessário, no sentido de cumprir com eficácia a função a que foi destinado, é importante que à sua volta não confluem elementos visuais que distraiam e que anulem o princípio da relevância.

Do mesmo modo como, quando sublinhamos um texto, destacamos apenas as ideias que foram seleccionadas como as mais importantes, assim também funciona o cartaz didáctico em relação aos restantes materiais. Anula-se ou destaca-se em função do que está ao lado, em cima ou em baixo, em função do número de elementos/estímulos presentes.

No mesmo espaço, coabitando com vários tipos de materiais e, conseqüentemente, diversos tipos de infor-

mação, torna-se necessário um exercício de planificação e gestão que permita compor de forma harmoniosa, eficaz e criativa o conjunto dos vários estímulos utilizados. Ainda relacionado com os espaços onde se utiliza o cartaz, mais concretamente com o local onde se afixa o cartaz, sobretudo no 1º Ciclo do Ensino Básico, o professor não pode esquecer que a altura (tamanho) do aluno e o seu respectivo campo de visão é significativamente distinto do seu, enquanto adulto. Como tal, na planificação e gestão do espaço da sala de aula disponível para este tipo de material didáctico deverá também ter em conta este factor que pode ser determinante a nível da captação da mensagem ou da motivação do aluno.

2 Implicações pedagógicas e linguísticas

Adiantadas já algumas preocupações de natureza pedagógica e comunicacionais, no domínio da definição do cartaz, interessa agora, no domínio da prática, reflectir também sobre como elaborar e utilizar um cartaz de modo eficaz.

Regra geral, a elaboração de um cartaz bem sucedido passa pelas seguintes etapas:

- 1ª ter presente o máximo de informação que contextualiza a elaboração do cartaz. Por exemplo, o conteúdo que se pretende apresentar, as características do destinatário, a finalidade para a qual está a ser criado, o local onde vai ser afixado, etc;
- 2ª seleccionar o que deve ser apresentado sob a forma de palavra/frase/texto e o que deve ser apresentado sob a forma de ilustração, imagem, fotografia, desenho ou esquema;
- 3ª compor os vários elementos gráficos constituintes do cartaz, de modo a estabelecer uma ordem hierárquica ou relacional entre eles, segundo a importância do conteúdo e as afinidades desses mesmos conteúdos;

- 4ª proceder a um esboço completo do cartaz, em termos de conteúdo e de forma;
- 5ª testar a leitura e a compreensão do cartaz em condições próximas ou idênticas às de destino, pedindo a opinião a pessoas que não participaram no seu processo de elaboração;
- 6ª reformular um ou outro aspecto que se revele responsável por algum tipo de erro ou falha na compreensão da mensagem e/ou na finalidade para a qual o cartaz foi criado;
- 7ª proceder à impressão ou acabamento final do cartaz.

Sem estabelecer uma correspondência linear com cada uma destas etapas, quanto ao modo como estas devem decorrer, também é fundamental observar algumas regras ou princípios:

- a) escolher apenas um assunto a tratar;
- b) formular a mensagem do cartaz como se fosse um “slogan”, isto é, uma frase breve e sugestiva (5 a 7 palavras, aproximadamente);
- c) atribuir tamanhos diferentes às letras conforme a importância que assumem (por exemplo de cima para baixo, do título para o texto e para as legendas, o tamanho de letra deve diminuir);
- d) legendar convenientemente as imagens;
- e) estabelecer proporções entre os vários elementos do cartaz e a respectivas formas envolventes;
- f) manter o mesmo tipo de fonte para proporcionar um efeito de unidade;
- g) pensar o tamanho dos caracteres em função dos seus utilizadores. Este deve ser inversamente proporcional à idade do utilizador. Por exemplo, para crianças, devem ser usados tamanhos grandes; para adultos tamanhos pequenos.

No plano comunicacional, o cartaz, como toda a comunicação escrita, é uma comunicação diferida, em que, normalmente, o momento da sua produção não coin-

cide com o momento da sua leitura ou utilização; logo, temos a considerar algumas particularidades que resultam do encontro entre interlocutores, enunciados e intenções comunicativas. Quando a mensagem se degrada, são vários os factores que podem contribuir para que tal aconteça.

Para minimizar alguns riscos resultantes do ruído comunicacional, sobretudo quando a elaboração do cartaz não conta com a participação activa e reflexiva por parte do aluno, sugerem-se algumas ponderações, como por exemplo:

- a) evitar imagens, palavras ou frases que suscitem interpretações ambíguas, pouco claras e pouco eficazes;
- b) para tal torna-se necessário recorrer a referentes comuns, próximos do conhecimento do mundo do aluno e suficientemente potenciadores de aproximações a conceitos ou relações que se pretendem veicular no enunciado.

Ainda no plano comunicativo (e linguístico), temos a considerar, tanto na fase da utilização como na de produção, as características materiais do cartaz didáctico que configuram várias consequências no que toca à leitura e compreensão do enunciado:

- a) O enunciado é percebido pela vista (a nível da “leitura”) e exige criatividade estética (na concepção) e destreza a nível da motricidade fina (em termos de produção). Estes dois factores podem potenciar ou limitar o sucesso do cartaz.
- b) O enunciado surge (normalmente) fixado numa parede ou num “placard” por um período de tempo durável. Este aspecto, ao contrário do que acontece num enunciado oral, possibilita o recurso ao enunciado do cartaz vezes sem conta, dependendo do aluno (receptor) e não do professor (emissor).
- c) O enunciado escrito pode ser reformulado, se o seu autor/escrevente o decidir, no entanto, o processo não é tão imediato e flexível como num enunciado

oral. Apesar de demorar algum tempo, a reformulação (quando ocorre) resulta mais clara do que num enunciado escrito.

- d) A relação entre o tamanho do suporte e a distância a que vai ser lido o cartaz. Muitas vezes, o cartaz é preparado num local distinto do local de utilização; por vezes, o cartaz é concebido e construído num espaço cujas dimensões não permitem um afastamento suficiente em relação ao objecto construído para o emissor ter o “feedback” necessário da sua previsível eficácia. Considerando este aspecto, torna-se imprescindível saber quais as condições físicas do espaço de recepção deste material de apoio, sob pena de ficar comprometida a sua correcta utilização.
- e) A relação entre o material gráfico e a especificidade da competência leitora do seu utilizador. Por vezes, o cartaz é pensado em função de uma capacidade média, que sabemos, muitas vezes, não corresponde efectivamente à real necessidade, no espaço de sala de aula. Neste capítulo, é importante ter presente que o cartaz didáctico poderá ser utilizado por públicos diferentes, cuja capacidade pode ser reduzida ou ainda em desenvolvimento/apuramento. Assim, não será de descurar uma diferenciação de tamanhos de suporte e de todos os elementos que fazem parte do cartaz, para que seja mais acessível a sua leitura/descodificação.
- f) A relação entre o número de elementos que constam no suporte e o grau de desempenho da competência leitora do seu utilizador. Por vezes, o cartaz é pensado para uma determinada faixa etária, cujo desenvolvimento cognitivo padrão não corresponde ao grau de exigência proposto pelo respectivo material didáctico, em termos de quantidade de informação visual. Nesta variável, interessa ponderar todas as dimensões da informação visual que se prendem com a quantidade de elementos a descodificar; por exemplo: o número de palavras, o número de objectos, a diversi-

dade das formas, a utilização de várias perspectivas e de vários ângulos, a complexidade da composição; a variedade das cores e das suas respectivas famílias, etc.

- g) A relação entre a complexidade da informação visual e o grau de desempenho da competência leitora do seu utilizador. Por vezes, o desajuste entre o material proposto e a competência leitora resulta no grau de complexidade proposto para descodificar. Neste item, importa observar a qualidade da informação tanto sob o ponto de vista do excesso como do defeito; isto é, importa assegurar que no cartaz apresentado não se apresente informação qualitativamente densa que impeça a sua assimilação, nem pobre que não suscite desafio e interesse para o seu utilizador.

No plano comunicacional (e linguístico), muitos dos obstáculos que surgem na utilização deste tipo de material didáctico resultam, em síntese, do facto de uma das partes se esquecer que se trata de um enunciado que assume a forma de um tipo de texto misto e que, sendo preparado na ausência do receptor, num local e num contexto distinto do da sua utilização, fica condicionado pelos limites daí resultantes.

Sob o ponto de vista da Pragmática e da Linguística Textual, o cartaz poderá ser visto como um tipo de texto misto, mas mais importante do que reconhecer as características internas e externas do texto, será relevante aqui destacar as que decorrem do meio (concretamente, de que faz uso o cartaz), e será interessante perceber as restrições que o canal exerce na adequação discursiva desse mesmo tipo de texto.

Assim, por exemplo, “dar a ver” um conceito ou uma relação entre ideias, recorrendo ao papel e ao escrito, é como que “materializar” e/ou objectivar o que se pretende explicar.

3 Conclusão

Sob o ponto de vista linguístico, comunicacional e pedagógico destacaram-se vários aspectos importantes a ter em conta na utilização dos cartazes em contexto didáctico.

O conhecimento mais cuidado de “o que é”, e “para que serve” revela-se fundamental em vários momentos e sob diferentes olhares profissionais. Destacou-se a utilização do cartaz sob o ponto de vista do docente e sublinharam-se algumas recomendações sob o ponto de vista da utilização e da construção que poderão interessar, predominantemente, a professores do 1º Ciclo do Ensino Básico em contexto de formação inicial.

Em síntese, recorrendo ao saber comum dos próprios utilizadores dos cartazes, sob o ponto de vista linguístico e comunicacional, podemos dizer que “pequenos detalhes fazem grandes diferenças”; sob o ponto de vista da construção gráfica deste tipo de material didáctico; nesta perspectiva, podemos dizer que “mais é menos”.

Muitos dos aspectos referidos carecem de uma fundamentação científica multidisciplinar e muito mais rigorosa. Não cabe aqui fazê-lo; no entanto fica, pelo menos, lançado o desafio à reflexão, em uso concreto, sobre esta temática, no sentido de maximizar o cartaz didáctico no seu contexto habitual.

Referências Bibliográficas

- A.A.V.V. (2002). *Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário*. Ministério da Educação Departamento do Ensino Secundário
- Calado, I. (1994). *A Utilização Educativa das Imagens*. Porto, Porto Editora.
- Gonçalves, G. (1973) *Didáctica da Língua Nacional*, Porto, Porto Editora.
- Pereira, I. (1969). *Dicionário Grego/Português e Português/Grego*. Porto, Livraria Apostolado da Imprensa.
- Rei, J. E. (1995) *Curso de Redacção II – O Texto*, Porto, Porto Editora.
- Vilela, M. (1999). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Livraria Almedina.

Sítios da Internet consultados:

<http://www.aspb.org/education/poster.cfm>

<http://eb23cmat.prof2000.pt/sala/fazer/fazcart.html>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cartaz>